



MANUEL SANZ BENITO
1860 – 1911

O filósofo Manuel Sanz Benito foi um destacado espírita, ligado desde a juventude à revista *O Critério Espírita* e a Alverico Perón. Publicou notáveis obras filosóficas como *A Ciência Espírita* ou *A Psique*. Foi professor de *Metafísica* e *Lógica* nas universidades de Barcelona, Valhadolid e Madri.

Liberal, também esteve ligado à corrente filosófica krausista de Julián Sanz del Río, como Francisco de Paula Canalejas (a quem Alverico Perón dedicou sua *Carta de um Espírita*). Por suas profundas convicções espíritas, teve de suportar a intolerância e o fanatismo de alguns setores para poder exercer sua cátedra em Barcelona.

Os anos de juventude e seu compromisso social

Manuel Sanz Benito nasceu na província de Madri em 15 de fevereiro de 1860. Conheceu muito cedo a filosofia espírita, pois em 1877, aos 17 anos, publicou o artigo "A dúvida na sociedade" no *O Critério Espírita*. Sua colaboração na revista criada por Alverico Perón e com a *Sociedade Espírita Espanhola* foi muito frutífera, e se prolongou até 1889.

Recebeu seu doutorado pela Faculdade de Filosofia e Letras e ganhou em concurso uma cátedra de Filosofia. No Instituto de Lugo permaneceu por espaço de 3 anos. A partir daí tornou-se professor de Filosofia em Guadalajara, onde desenvolveu uma importante atividade cultural. Nesta cidade foi um destacado membro do *Ateneu Caracense*, que presidiu em 1891. E ali proferiu o discurso *Determinismo e liberdade*. Além disso, na cidade alcarrense, foi diretor da *Revista Ateneu Escolar* e participou do encontro do *Centro Volapukista* (língua artificial, concorrente do Esperanto).

Entre seus trabalhos sociais, deve-se destacar que foi o promotor da *Caridade Escolar*, uma sociedade benéfica fundada em 1889 em Guadalajara. O seu

objetivo era fornecer vestuário e calçado aos filhos de famílias trabalhadoras que se distinguissem em aplicação nos estudos e conduta exemplar.

As obras filosóficas e espíritas

Durante seus anos como professor em Guadalajara, tornou-se um dos principais defensores do espiritismo na Espanha. Participava de Congressos Internacionais Espíritas e publicava artigos no O Critério Espírita e na Revista de Estudos Psicológicos.

Em 1890 Manuel Sanz Benito publicava A Ciência Espírita, com prólogo do Vizconde Torres-Solanot, e em 1891 presidiu o Ateneu Caracense em Guadalajara, onde proferiu o discurso Determinismo e Liberdade.

No alvorecer do século XX, em 1900 publicou A psique, obra onde trata do estudo da alma ou espírito, onde afirma:

“Pelo contrário, o espiritismo sustenta a existência da alma como realidade palpável perante a consciência, da mesma forma que os objetos materiais são percebidos perante os sentidos. E enquanto o materialismo nega a existência do Eu e da personalidade humana idêntica em cada momento do tempo, o espiritualismo racional faz dessa identidade pessoal o primeiro princípio de prova para suas elucubrações. Ele afirma, também, não apenas a existência da alma, a Psique, como entidade não emanada de forças orgânicas, mas possuindo características próprias de espontaneidade e liberdade em seu modo de agir, e como resultado de tudo, a persistente individualidade fora da carne, a transcendência da vida do ser”.

O magistério na universidade

Em 22 de março de 1893, ele ganhou em concurso a cátedra de Metafísica da Universidade de Barcelona. Este fato parecia provar que na Espanha era possível existir um Espiritismo de cátedra, rigoroso e científico. No entanto, logo a reação de clericalistas e carlistas desencadeou um ataque furibundo contra o novo professor, como evidenciado por inúmeras altercações que podem ser acompanhadas na imprensa contemporânea, como O Dilúvio.

Este fato não era novo, já fora sofrido por outros professores como o krausista Julián Sanz del Río em 1865 na Universidade Central de Madri. Como consequência desta perseguição, Manuel Sanz Benito permutou a cátedra em Barcelona pela de Valhadolid. E mais tarde, por concurso, ocupou a cátedra de Lógica Fundamental na Universidade de Madri. Desencarnou em Madri em 1911 e, como Sanz del Río ou González Soriano, foi sepultado no cemitério livre.

Bibliografia de Manuel Sanz Benito

1890. A ciência espírita, Barcelona: Imprensa de Daniel Cortezo e Companhia, 199 págs. (com um prefácio do Vizconde de Torres-Solanot)
1891. Determinismo e liberdade. Discurso pronunciado no Ateneu Caracense pelo presidente do centro Sr. Manuel Sanz Benito, Valhadolid: Imprensa de Jorge Montero, 19 págs.
1893. Programa vigente na área de Metafísica. Barcelona: F. Giró, 35 págs.
1897. Programa de Metafísica. Valhadolid: Sucessores Hijos de Rodríguez, 36 págs.
1900. A psique, Valhadolid: Imprensa de Jorge Montero, 167 págs.
1900. Propedêutica lógica. Valhadolid: Imprensa de Jorge Montero, 36 págs.
- [s.a.] Filosofia popular: palestra dada na Sociedade El Fomento de las Artes de Madrid. Valhadolid: Imprensa de Jorge Montero, 30 págs.

Artigos no O Critério Espírita

1877. «A dúvida na sociedade», O Critério Espírita, 10, págs. 101-104.
1882. «Dúvida ou realidade. O que é a verdade?», O Critério Espírita, 15, págs. 113-115.
1883. «O que é o homem?», O Critério Espírita, 16, págs. 1-4.
1884. «Discurso na comemoração do aniversário de Allan Kardec», O Critério Espírita, 16, págs. 50-53.
1884. «Discurso sobre Allan Kardec», O Critério Espírita, 17, págs. 64-67.
1885. «Ao espírito de Allan Kardec. A morte», O Critério Espírita, págs. 52-ss.
1886. «Recordando Kardec», O Critério Espírita, 19, págs. 56-ss.
1886. «A liberdade iluminando o mundo», O Critério Espírita, 19, págs. 146-148.
1887. «Idealidade na vida», O Critério Espírita, 20, págs. 142-144.
1888. «O impossível», O Critério Espírita, 21, págs. 45-47.
1888. «Trabalhemos com Kardec», O Critério Espírita, 21, págs. 76-ss.
1888. «Resumo do discurso pronunciado no Congresso Internacional Espírita», O Critério Espírita, 21, págs. 166-ss.
1889. «Positivismo e espiritismo», O Critério Espírita, 22, págs. 87-89.
1889. «O raciocínio, sinal de pouco entendimento: os bons e os sábios», O Critério Espírita, 22, págs. 103-ss.
1889. «O Espiritismo do ponto de vista vulgar», O Critério Espírita, 22, págs. 118-ss.
1889. «Congresso Espírita de Paris. Discurso pronunciado nesse Congresso», O Critério Espírita, 22, págs. 161-164.

1889. «O Espírito: sua realidade, sua imortalidade e progresso indefinido», O Critério Espírita, 22, págs. 181-185.

Outras colaborações

1889. Discours dans le Congrès Spiritualiste International tenu à Paris a l'occasion de l'Exposition Universelle de 1889. Valhadolid.

1893. «O Espírito: sua realidade, sua imortalidade e progresso indefinido», Revista de Estudos Psicológicos, 25, págs. 163-169.

1893. «Discurso (sobre espiritismo)», Revista de Estudos Psicológicos, 25, págs. 292-297.

Fontes

O Critério Espírita (1868-1878) (Na Biblioteca Digital Hispânica podem ser consultados alguns anos desta revista 1868, 1869 y 1878)

1927. MÉNDEZ BEJARANO, M. História da Filosofia na Espanha até o século XX. Madri: Renascimento.

1934. V Congresso Espírita Internacional. Livro resumo.



DISCURSO PRONUNCIADO POR MANUEL SANZ BENITO NO PRIMEIRO CONGRESSO ESPÍRITA INTERNACIONAL DE BARCELONA. - SESSÃO DE 10 DE SETEMBRO DE 1888

O Sr. Presidente. O Dr. Sanz Benito tem a palavra.

O Sr. Sanz Benito. Senhoras e senhores: Caros irmãos e amigos: Lamento de coração que minha pobre inteligência e minha humilde palavra sejam as encarregadas de desenvolver neste Congresso (onde vozes tão autorizadas e eloquentes já ressoaram), um tema muito superior às minhas forças: demonstrar que a doutrina espírita não é apenas religiosa e moral, mas altamente científica; que fornece soluções para uma infinidade de problemas apresentados e até hoje

não resolvidos, e que, racional em seus princípios e evidente em seus resultados, aspira a lançar as bases da Ciência universal.

Assim como a luz desvia-se de sua direção original ao passar por um cristal devido à refração de seus raios, as ideias desviam-se de sua pureza original quando interpretadas por inteligências toscas como a minha. No entanto, assim como através do cristal podemos contemplar o panorama que à nossa visão se oferece, eu gostaria também, apesar da refração que a doutrina espírita tem de sofrer por minha causa, que vocês possam contemplar a grandiosidade dessa mesma doutrina.

Ah, senhores! No momento em que a mente repara no progresso das ideias através dos tempos, quão admirada fica vendo que aquilo que um dia foi considerado grande seja posteriormente considerado pequeno, e que o que antes era desprezado porque se acreditava insignificante, seja agrandado em valor a ponto de não poder ser reconhecido depois! Esta Terra em que vamos embarcados, considerada por muitos séculos como imóvel no espaço, à qual os luminares do firmamento serviram de cortejo, e que era a sede do *rei da criação*, hoje em dia é com razão apreciada, em virtude das descobertas astronômicas, como uma gota de água perdida na imensidão dos mares, como um grão de areia que o *simoun* ergue no deserto, menos ainda, como um átomo no infinito; e daquela categoria a que o erro geocêntrico a elevava, desceu à categoria de simples planeta, necessitado de luz e calor, do movimento e da vida de outros astros. Do mesmo modo, a doutrina espírita, que até há pouco tempo era julgada como passatempo de ociosos ou como preocupação de ignorantes, torna-se hoje o novo astro que irá iluminar o campo da pesquisa científica para conhecer um mundo sempre sonhado, mas nunca entrevisto, e que hoje mostra-se a nós radiante de esplendor e beleza; e dali, de onde se considerava que nada era possível extrair a não ser o movimento de alguns móveis, surgiu uma doutrina que busca estabelecer as bases da Ciência universal, baseada em princípios evidentes e derivados de fatos simples, como simples eram os fatos que levaram à descoberta da gravitação universal.

Impossível nos guiarmos nas investigações científicas pelos meros dados do sentido material, pois seu alcance é muito limitado e a interpretação é errônea se a razão não nos adverte com frequência de sua falácia. Esses astros de longa cabeleira, cometas errantes que à primeira vista nos surpreendem, terror um dia das almas simples, fatídicos agoureiros de incontáveis calamidades, são diante de nossa razão mundos em formação, que, em vez de produzir males, parecem destinados pela Providência a ir repondo hidrogênio e carbono em outros mundos gastos em sua atividade vital. Assim também no fenômeno da morte, onde o olho não percebe nada mais do que o cadáver de um ser que jaz inanimado e rígido, cujas forças foram aniquiladas com o último batimento do coração e o derradeiro

estertor da agonia; lá onde tudo, ao que parece, nos infunde a ideia da morte como a perda da vida, como a cessação da existência, tendo de se dizer o último adeus ao ser que tanto se amou, a razão veio nos demonstrar que essa morte não existe, que o ser não interrompe sua vida nem por um segundo e nada mais faz do que entrar em uma nova fase de vida e transformação, em uma nova etapa de seu progresso. Longe de suas forças ficarem esgotadas e suas faculdades destruídas, nele se apresentarão maiores, agindo com mais energia em outro estado, onde as relações entre o ser e os seres, de sua individualidade com a Criação, acontecem de outra maneira mais fácil e melhor. (*Muito bem. Aplausos.*)

Mas eu estava dizendo, senhoras e senhores, que a doutrina espírita afirma e apresenta a solução de alguns problemas importantes no campo da pesquisa científica, mostrando assim que não pretende ser outra religião positiva, com novos dogmas, novos ritos e cerimônias, e com um plantel de sacerdotes que prosperam à custa de outros, sob pretexto de abrir as portas de um céu extranatural, ou com ameaça de precipitá-los no fogo eterno se não obedecerem aos seus mandatos; a doutrina espírita vem adicionar seu grão de areia à grande obra do labor humano que, pelo esforço de sucessivas gerações, tem ido aos poucos expandindo seus limites.

Um desses problemas importantes, pois dele depende a solução de muitas outras questões, é o referente ao *conceito de força e matéria*. São duas coisas diferentes ou uma só? A força depende da matéria ou é apenas uma propriedade da matéria?

A doutrina espírita mostra que não existe tal dualidade de elementos, nem distinção essencial entre força e matéria; que todas as forças, por mais sutis e etéreas que suponhamos que sejam, sempre se manifestam a nós como materiais e, portanto, essa força nada mais é do que um estado da mesma matéria em um grau mais alto de atividade atuando sobre estados inferiores; e o que nós chamamos de matéria é outro *estado* em um grau maior de passividade, tendo por conseguinte uma simples relação de causa a efeito, mas sem jamais se darem como elementos distintos ou separados. As forças mais sutis e incoercíveis são sempre as mais poderosas, as mais influentes, as que, compenetrando as outras, produzem os resultados mais importantes, existindo uma série indefinida de estados materiais, desde o mais concreto da matéria sólida, apreciável aos nossos sentidos, ao mais etéreo e dinâmico, que move e anima muitos outros estados inferiores, mas que escapa à nossa lerda percepção sensitiva. Portanto, não é mais a unidade das forças e a unidade da matéria o que nós afirmamos, mas a unidade dos elementos cósmicos na Criação. (*O público segue com muita atenção os argumentos do orador.*)

Desse modo, o próprio espírito não é um ser abstrato, vago, sem forma determinada, quando considerado fora do organismo carnal, mas é sempre um ser

limitado e circunscrito pela matéria, da qual é sua força animadora; e a matéria é o meio, o veículo que lhe serve para realizar seus atos e verificar suas operações, sempre agindo na matéria e pela matéria.

Então, se a força, sem deixar de ser matéria, atua como elemento motor da matéria mais condensada, a força é um estado particular da matéria em atividade; se supomos um volume qualquer de matéria agindo expansivamente e sem existir qualquer força para o contrariar, por pequeno que ele fosse chegaria a preencher um espaço infinito; e pelo contrário, se apenas a força centrípeta atuasse, por maior que fosse esse volume, ele se reduziria ao ponto matemático; e o espaço, o tempo e a eternidade, tudo estaria compreendido nesse ponto matemático: porque espaço, tempo e eternidade não têm realidade em si mesmos; são relações do infinito com o finito que nós estabelecemos.

Outro ponto muito importante, impossível de resolver até hoje, é o relativo à *união do espírito e do corpo*. Considerados como dois elementos de natureza diferente, e para alguns, como Descartes, de natureza incompatível, o homem era conceituado como o resultado da união de duas entidades opostas, a combinação bilateral de dois elementos diferentes, o espírito e o corpo, sendo aceita sem discussão a definição aristotélica do homem como animal racional. Para o Espiritismo o homem não é a união ou composição de dois elementos diversos, o homem é simplesmente *um espírito encarnado, o espírito racional em funções orgânicas correspondentes ao seu estado*, sendo o corpo um meio temporário de relação entre nosso ser e o mundo externo, que serve para transmitir ao espírito as impressões que recebe do exterior, e para devolvê-las modificadas pela atividade psíquica, agindo e reagindo externamente com seu auxílio.

Isso explica a diversidade de inclinações, a amplitude no desenvolvimento das faculdades e a diferente intensidade na atividade que os seres demonstram desde a infância, pois os pais não são, como se costuma dizer, aqueles que dão o ser, não são a causa geradora e sim os *meios geradores* para que nosso ser se manifeste em uma fase determinada da existência, que chamamos de encarnação, pois nosso ser preexiste ao organismo, sendo sempre uno, íntegro e total, individual e indivisível, portanto anterior à natureza carnal.

Como os filósofos e os santos Padres que desta questão se têm ocupado, tomavam a existência do espírito a partir da fecundação e alguns deles até de momentos posteriores, não podiam explicar racionalmente esta diversidade de aptidões e tendências que os seres apresentam entre si. Nem essas diferenças poderiam ser explicadas pela influência germinal, como queriam os materialistas, porque na reprodução orgânica só se transmitem movimentos e forças materiais, cuja atividade persiste mais ou menos tempo, mas sem que seja produzido e desenvolvido o menor átomo de inteligência e nem a mais humilde manifestação do instinto. (*Aplausos.*)

Então, se nosso ser é anterior e superior ao organismo transitório que ele toma como meio de relação, a encarnação não consiste em que o espírito venha a se unir com um organismo já existente; e o corpo também não precede à encarnação do espírito, mas a encarnação é um ato simultâneo do desenvolvimento do ser.

Além disso, se não admitirmos a preexistência de nosso espírito à vida carnal, seria necessário tachar a Causa absoluta de arbitrária, visto que começando a existir os seres no momento de nascer para a vida planetária, alguns tiveram grandes faculdades e tendências para o bem, e outros faculdades muito limitadas e rudes inclinações, os primeiros logo se manifestando como gênios e benfeitores, e os últimos como idiotas, loucos e perversos.

Relacionada intimamente a essa questão está a de saber *se os seres progridem pela virtualidade e eficácia dos organismos, ou pelo contrário, a atividade psíquica é o que imprime nos seres o desenvolvimento e a amplitude das faculdades*. Até o momento a ciência parece se decidir pela teoria darwiniana, que proclama a adaptação orgânica e a seleção natural como leis que determinam a mudança e transição dos seres nos diversos pontos do globo. O Espiritismo tenta dar uma explicação mais racional do progresso sucessivo dos seres não considerando essas leis como causa, mas antes como efeito. Não são os organismos se transformando e se modificando e passando de umas espécies a outras os que produzem o avanço e o desenvolvimento do espírito: é o espírito, pelo contrário, que, desenvolvendo-se e aperfeiçoando-se em sua atividade essencial, adquire a cada vez condições de vida mais perfeitas e adequadas ao estado em que temporariamente possa estar se manifestando. A adaptação e seleção natural correspondem, por conseguinte, ao elemento inteligente que nos infinitos estados que vai adquirindo condiciona-se às formas orgânicas correlatas ao seu estado de aperfeiçoamento.

Isso não quer dizer que os organismos não progridem. Toda função desenvolve o órgão, e é natural que os seres, se desenvolvendo e progredindo nos organismos, esses organismos, por sua vez, se desenvolvam e progridam; mas é muito diferente que esse progresso se deva à virtualidade do transformismo orgânico, a que se deva à espontaneidade e à atividade do ser que anima o organismo. De onde se deduz também que os seres não partem de um germe ou célula que contém em si as formas preestabelecidas, virtualmente contidas nela, pelas quais o ser deve necessariamente passar, desenvolvendo-se em virtude da eficácia orgânica e em tempo indeterminado: os seres são e existem independentemente das formas orgânicas (sem por isso serem independentes da forma material), e não estão sujeitos a moldes determinados ou fixos; antes, em virtude de seu desenvolvimento essencial, maior ou menor de acordo com sua própria atividade, podem atuar em diferentes organismos, sem ter que passar por uma escala precisa de adaptação orgânica. Por isso a teoria unicelular não

explica, muito menos satisfaz, quando se trata de indagar sobre o início e o desenvolvimento sucessivo dos seres. (*Aplausos*).

E como os seres preexistem à organização e, portanto, nosso espírito é anterior a este momento de sua vida eterna, que chamamos de vida planetária ou encarnação, cabe perguntar: *Onde tem sua origem?* Na razão absoluta, em sua manifestação criadora; e como todos os seres têm igual procedência, nós não podemos admitir os critérios de certas escolas filosóficas e religiosas que defendem a criação de seres de natureza diferente, uns superiores ou anjos, outros inferiores ou homens. Não cabe essa dualidade de Criação: *os seres são todos iguais em essência ou em natureza*, e as diferenças que existem entre eles, por maiores que nos pareçam, são apenas de estado, de grau, de progresso em seu eterno aperfeiçoamento. (*Aplausos*).

Para esclarecer esta ideia gostaria de colocar um exemplo; observem o diamante quando é extraído das entranhas carboníferas e vejam como ainda não tem brilho algum; mas à medida que o lapidário o vai polindo e esculpindo suas faces, ele brilha com matizes deslumbrantes, refletindo a luz que recebe. Foi sua natureza que mudou? Não: ele foi apenas polido, mas tão carbono era antes como depois. Da mesma forma o espírito, através de suas existências e pelo desenvolvimento essencial de sua atividade, vai se aperfeiçoando, polindo sua natureza, refletindo cada vez mais a luz da verdade que brilha no universo, mas sendo sempre o mesmo, essencialmente idêntico. (*Grandes aplausos.*)

E sendo que o ser participa da causa que o produz e esta causa é infinita, os seres todos têm uma natureza a desenvolver ao infinito, ou seja, o progresso não tem fim, não pode ter fim, porque o ser contém uma natureza essencialmente perfeita e infinita. Realmente, o finito não existe como estado permanente: todos os estados do ser são transitórios e mutáveis, e o ser realiza sua natureza em uma série de estados sem fim que amplificam constantemente sua atividade e ampliam a esfera de sua irradiação. Dessa forma, a criatura é limitada em sua maneira de estar, tanto em suas propriedades quanto nas relações que mantém com o mundo exterior e que devem se multiplicar indefinidamente; mas sempre infinita quanto a seu ser, eterno e progressivo. Assim compreende-se que, sendo os efeitos de natureza análoga às causas, Deus, causa absoluta do universo, tenha criado ou produzido seres de natureza essencialmente perfeita, como um germe que pode ser desenvolvido através de sua atividade no infinito.

As encarnações são apenas fases ou estados temporários da vida eterna do ser; E assim como para estudar os movimentos do planeta é preciso relacioná-los com os do sol e de outros astros do nosso sistema, para estudar a importância e o valor de uma vida planetária, é preciso levar em conta sua relação com outras fases anteriores.

A Criação não é, como se supôs, uma glorificação externa do Criador. Deus não cria ou produz por necessidade ou para sua glória: a Criação, como expressão da vontade e inteligência divinas, é coetânea com Deus na eternidade, e *sua lei é o amor infinito* que preside às outras leis do universo, a lei suprema à qual as restantes leis da Criação estão subordinadas. O herói e o mártir que se sacrificam no holocausto de uma ideia, a mãe que dá sua vida para salvar a do filho, o sábio que dedica a sua a descobrir uma verdade que será útil a seus semelhantes, todos caminham, de maneira reflexiva ou instintivamente, impulsionados por essa necessidade suprema de amar, que é a expressão mais sublime da vida do espírito. Deus também nos aparece aqui como a Providência eterna, zelando pelo progresso de suas criaturas, não intervindo por capricho para conceder curas milagrosas ou para variar as leis da natureza, mas incentivando todos os seres a amar mais, a se compenetrar mais, a unirem seus esforços e desenvolverem sua atividade para sentirem e participarem melhor de sua natureza. De tal forma que se os seres progredem, se os seres avançam, não é apenas em virtude de uma natureza inata em seu ser: é que eles são atraídos, movidos ou impelidos por essa força infinita de amor, em virtude da qual Deus se manifesta como Providência eterna de suas criaturas. (*Estrepitosos e prolongados aplausos*).

Outra questão grave, cuja solução da parte dos filósofos e teólogos nunca satisfez a razão, é a do *bem e do mal*. Se o mal existe, como é consentido por Deus, amor infinito? Não pode ou não quer evitá-lo? Não poder argumentaria impotência, e não querer, falta de amor por suas criaturas. Para o Espiritismo a solução é clara e conclusiva: o mal não existe. Não é uma quantidade menor de bem, nem é o oposto do que é bom: o mal simplesmente não tem realidade; as dores, as tristezas, as perdas e desenganos, todos os sofrimentos que nos afligem, tudo, absolutamente tudo, serve e se adiciona mais ou menos ao bem.

Com o mal acontece o mesmo que com o frio e a escuridão, que também não têm realidade, nem pouca nem muita, pois, se bem a afirmação é exata, a negação é absurda: se o calor e a luz existem, o frio e as trevas não podem ter realidade, e somente terão existência subjetiva para o ser que assim o sinta ou aprecie; mas ali onde dizemos que há escuridão por falta da luz necessária para ver, outros seres veem com mais clareza, e ali onde entorpecidos de frio ficamos entanguidos, pode haver outros seres que gozem da suficiente temperatura para viver. Da mesma forma, o que denominamos mal, é mal apenas se comparado a outro bem: aquele mal tão grave da escravidão foi em tempos passados um bem na medida em que implicava o perdão da vida ao infeliz prisioneiro, e os males da ordem física ou moral que nos afligem iremos considerá-los, mais à frente, como meios e instrumentos eficazes de progresso, porque sem sentir as necessidades que o mundo, a sociedade e a limitação de nossa vida nos oferecem, nosso progresso seria impossível. (*Muito bem. Aplausos*).

Quanto à moral, a doutrina espírita, que quer ser científica, não pode aceitar os critérios das religiões positivas que as fazem derivar do princípio de autoridade: seus preceitos ser cumpridos não por se ajustarem aos princípios do bem e da justiça, mas porque Deus, Cristo ou Maomé assim ordenam. O Espiritismo baseia a moral no bem: e assim como não acreditamos que o princípio da atração universal, descoberto por Newton, tenha valor apenas porque este homem eminente o descobriu, mas porque é verdadeiro, também não cremos que os princípios morais obriguem a seu cumprimento porque Jesus ou Moisés, Buda ou Confúcio os formularam, mas porque são leis da nossa vida racional, já que o bem, como a verdade e a beleza, têm seu valor em si mesmos, não pelo mérito daqueles que vão revelando à humanidade esses princípios. Então, se bem os fiéis das religiões positivas devem *obedecer* os mandatos delas, os espíritas não obedecem mas cumprem os preceitos de eterna moral e justiça. (*Muito bem. Prolongados aplausos*).

Por último, senhores, não é apenas no campo da filosofia, da ciência e da moral que o Espiritismo pretende esclarecer dúvidas e corrigir erros, mas irá trazer sua grandiosa influência para a *esfera da Arte* para que ela, por sua vez, influencie também de forma mais efetiva a cultura dos povos.

Com critérios diferentes e sentido oposto, duas escolas principais lutam no campo da Arte; idealismo por um lado e realismo por outro. Para a primeira, a Arte deve expressar o que a vida deve ser, não o que ela é; para a segunda, o essencial é mostrar as dores e misérias da humanidade, para que, diante do quadro sombrio que ela nos oferece, busque remédio. O Espiritismo, trazendo para sua esfera a pluralidade de vidas da alma, fará com que a natureza não seja violentada como faz o idealismo, apresentando nesta existência o malvado arrependido ou castigado e a virtude sempre triunfante; nem, como faz a arte realista, que o vício e a corrupção prevaleçam, senão que o artista, de acordo com a realidade, irá ter à sua disposição quantas vidas quiser e precisar para nos fazer ver, sem transições repentinas ou milagres inverossímeis, como aquele ser que antes aparecia como réprobo e malvado, é depois o herói ou o mártir que dá a vida pelo bem da humanidade.

E se com a pluralidade das existências a esfera da Arte é engrandecida, também continuará sendo, e muito, pela comunicação entre seres encarnados e desencarnados, que nos dará a conhecer novos heróis, cujas façanhas serão cantadas pelo poeta e reproduzidas pelo pintor; heróis até agora desconhecidos, cujas obras já começamos a conhecer, e que, mostrando-nos suas dores e torturas, suas trabalhadoras e vicissitudes, ao mesmo tempo que nos servem de consolo nesta luta da vida, irão nos servir também de encorajamento para perseverar na obra de redenção de nossa própria consciência e na redenção de nossos irmãos que sofrem. (*Aplausos*).

Por tudo isso, senhores, e mais ainda que poderia ser acrescentado, poderão entender que a doutrina espírita, longe de ser desprezada, merece que nos ocupemos dela com seriedade, e que se a princípio parecia pouco importante, hoje a vemos como grandiosa influência; assim como aquelas faíscas que brilham no firmamento e que os sentidos nos mostram muito pequenas, um exame melhor nos faz ver que são sóis gigantes, diante dos quais nosso próprio sol é insignificante.

Mas por enormes que sejam essas maravilhas estelares, mesmo assim nós devemos nos considerarmos maiores ainda. O grande Victor Hugo já dizia: "Há uma coisa maior que o mar e esse é o céu, e há uma coisa maior que o céu: o interior da alma humana". De fato, todos esses sóis que hoje resplandecem com fulgor devem ir se extinguindo com o tempo para emprestar seus elementos a outros que novamente irão se formar; mas nossa alma, nosso ser eterno imutável, permanecerá sempre através dos espaços e os tempos, continuando sua marcha progressiva sem jamais saciar sua sede ardente de conhecer e amar na fonte inesgotável de verdade e beleza do Universo. Tenho dito. (*Ruidosos, repetidos e prolongados aplausos. O orador é parabenizado*).

Manuel Sanz Benito